

Nery Delgado (1835-1908), *Geólogo do Reino*



Este livro é publicado a propósito da exposição
Nery Delgado (1835-1908), Geólogo do Reino.
Apresentada no Museu Geológico,
de 1 de Outubro de 2008 a 31 de Março de 2009

Rua da Academia das Ciências, 19, 2º 1200-003 Lisboa
<http://e-geo.ineti.pt/MuseuGeologico>

Título

Nery Delgado (1835-1908), Geólogo do Reino

Edição

Museu Geológico | Instituto Nacional de Engenharia,
Tecnologia e Inovação, I.P. | Centro de História
e Filosofia da Ciência-FCTUNL

Impressão

Ciência Gráfica, Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-95944-0-1
Depósito Legal: 282628/08
Tiragem: 500 ex.
Copyright: Museu Geológico

Lisboa, Setembro de 2008

© Museu Geológico



Nery Delgado (1835-1908)
Geólogo do Reino

Coordenação de Miguel de Magalhães Ramalho
* Museu Geológico | Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia
e Inovação, I.P. | Centro de História e Filosofia da Ciência-FCTUNL
Lisboa 2008

JOAQUIM FILIPE NERY DELGADO, ARQUEÓLOGO

JOÃO LUÍS CARDOSO

*Professor Catedrático de Arqueologia e Pré-História
da Universidade Aberta*

*Membro da International Commission on the History
of Geological Sciences (IUGS)*

INTRODUÇÃO

Engenheiro militar, geólogo e arqueólogo português (Elvas, 26 de Maio de 1835 – Figueira da Foz, 3 de Agosto de 1908), Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado (fig. 1) frequentou o Colégio Militar e, depois, a Escola Politécnica, tendo-se diplomado em Engenharia Militar, na Escola do Exército, em 1855. Adjunto à Segunda Comissão Geológica de Portugal, desde a sua organização, em 1857, aí viria a desenvolver notável actividade, reconhecida pelas sucessivas promoções na carreira militar, até atingir o posto de general-de-divisão. Encontrava-se em plena actividade no campo como geólogo, quando a morte o surpreendeu, na sequência de uma pneumonia dupla, sendo então director do organismo incumbido dos estudos geológicos no País, que serviu durante cinquenta e um anos.

O prestígio que granjeou pela alta qualidade da sua produção científica no domínio da geologia e da arqueologia, foi reconhecido internacionalmente e, também, no seu próprio país: foi vice-presidente da Academia Real das Ciências de Lisboa, numa época em que a presidência da mesma era reservada ao monarca.

Nery Delgado notabilizou-se, primeiro, através da colaboração activa que prestou a Carlos Ribeiro, co-director da Comissão Geológica de Portugal, no reconhecimento geológico do País, sucedendo-lhe à frente da Instituição, aquando da morte daquele, ocorrida em 1882. De tal actividade resultou a edição da Carta Geológica de Portugal, na escala de 1: 500 000, publicada em 1876, logo seguida da segunda edição, dois anos volvidos. Além da cartografia geológica do País, ocupou-se activamente da caracterização estratigráfica e paleontológica dos respectivos terrenos, especialmente dos de idade paleozóica. Destacam-se, neste âmbito, os estudos dedicados às Bilobites dos quartzitos das Beiras e os relativos aos terrenos paleozóicos do Alentejo¹.



Fig. 1 – Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado, litografia (col. J. L. Cardoso)

Como arqueólogo, a sua contribuição no âmbito dos estudos que, à época, se desenvolviam por toda a Europa, foi, igualmente, ímpar. Merecem especial destaque as escavações que efectuou em 1865 na gruta da Casa da Moura (Óbidos), cujos resultados foram publicados em magnífica memória, datada de 1867, que bem evidencia a acuidade e actualidade das observações e dos conhecimentos que detinha, no âmbito da ciência oitocentista. Outro exemplo da qualidade do seu trabalho é o notável estudo da gruta da Furninha (Peniche), cuja escavação dirigiu, em 1879, para logo o apresentar, no ano seguinte, à IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, (Lisboa, 1880), de que foi vice-presidente e em cujas actas, organizadas sob sua responsabilidade, se encontra publicado².

Deste modo, Nery Delgado, a par de Carlos Ribeiro e de Francisco Pereira da Costa, corporizam o desabrochar e a plena afirmação, em Portugal, da arqueologia pré-histórica, de base científica, estreitamente ligada aos estudos geológicos, dos quais aproveitou o método, bem patente nestes primeiros trabalhos.

Nesta curta evocação, serão valorizadas as três contribuições maiores de Nery Delgado para a arqueologia portuguesa, por ordem cronológica; mas não se devem esquecer as que prestou, do ponto de vista institucional, a inúmeros arqueólogos do seu tempo, na qualidade de director da única instituição pública que desenvolvia actividades de investigação no domínio da arqueologia – especialmente no da arqueologia pré-histórica – no âmbito do Ministério das Obras Públicas. Importa notar, porém, que esta actividade esmoreceu após o falecimento de Carlos Ribeiro, vindo mesmo a ser preterida, pelo próprio Nery Delgado, após a criação do Museu Etnográfico Português, em 1893 – o actual Museu Nacional de Arqueologia – que contou com o seu apoio decisivo. A este propósito, basta referir que a primeira instalação daquele museu, em

1894³, até à altura da sua transferência, em 1903, para o local que hoje ocupa, no Mosteiro dos Jerónimos (foi aberto ao público somente a 22 de Abril de 1906), só foi possível mediante a cedência de uma sala (depois acrescentada de outra), da então designada Direcção dos Trabalhos Geológicos de Portugal, à qual o museu dirigido por J. Leite de Vasconcelos esteve adstrito, até 1899. As relações entre os dois eminentes cientistas foram sempre cordiais, até porque, pelo facto de Nery Delgado se não considerar arqueólogo, nem desejar a manutenção dessa valência na instituição que dirigia (exceptuando a Antropologia Física), deixou a J. Leite de Vasconcelos o espaço necessário para este afirmar plenamente os seus invulgares dotes de arqueólogo polifacetado, como veio a verificar-se. Cordiais foram, também, as relações estabelecidas com ilustres arqueólogos do seu tempo, como se verifica da correspondência já publicada com Estácio da Veiga⁴ e com Francisco Martins Sarmiento⁵. A admiração que, de forma generalizada, lhe era dedicada explica que, em 1900, tivesse sido eleito presidente da Sociedade Arqueológica Santos Rocha, constituída na Figueira da Foz, por iniciativa de António dos Santos Rocha.

A GRUTA DA CASA DA MOURA

A gruta da Casa da Moura é a mais importante das cavidades cársicas abertas em calcários do Jurássico que se dispersam pelo planalto das Cesaredas, cerca de 1,5 km a SE de Serra d'El Rei (Peniche), possuindo as seguintes coordenadas: 39° 17' 50" lat. N; 9° 15' 15" long. W de Greenwich (concelho de Óbidos).

As primeiras escavações, realizadas por Nery Delgado em 1865, foram descritas numa das primeiras, senão a primeira, monografias arqueológicas dedicadas a uma estação pré-histórica em gruta, publicada na Península Ibérica⁶. O seu título desde logo evidencia a principal preocupação do seu autor, aliás em sintonia com uma das questões filosóficas e científicas mais candentes da sua época: a demonstração da antiguidade da espécie humana, por critérios científicos. A designação escolhida, *Da existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Primeiro opúsculo – Notícia acerca das grutas da Cesareda*, é, por outro lado, expressiva da influência da obra de Charles Lyell, cuja primeira edição inglesa, de 1863, foi logo, no ano seguinte, traduzida para francês, *The Geological Evidences of the Antiquity of Man*⁷.

A cavidade tem uma entrada em poço, de pequena altura, que comunica com uma sala ampla, a qual se encontra separada de outra, contígua, por uma massa rochosa correspondendo a uma passagem íngreme e baixa; a outra sala, idêntica à primeira, prolonga-se por uma galeria estreita, terminando num poço vertical. Delgado reconheceu duas unidades principais: o depósito superior, mais recente, anegrado e incoerente, com abundantes restos humanos e indústrias, líticas e ósseas, do Neolítico e Calcolítico; e outra, pliocénica, adiante caracterizada, o designado depósito inferior.

É clara a preocupação metodológica do autor na exploração dos depósitos arqueológicos: *Levantando o entulho, uma camada após a outra, fácil nos foi recolher todos estes objectos, sabendo-se sempre a altura a que tinham sido achados n'um ou n'outro ponto da gruta*⁶. Com efeito, em alguns dos materiais arqueológicos actualmente conservados no Museu Geológico, pode observar-se ainda a indicação da respectiva profundidade de colheita, acompanhada de uma letra, que, tudo o indica, corresponde ao sector da escavação onde a peça foi colhida. A ser assim, trata-se de uma das primeiras, senão da primeira, escavações arqueológicas realizadas a nível internacional, recorrendo ao registo tridimensional dos achados⁴⁷.

Por outro lado, caso a publicação de Nery Delgado tivesse atingido, na época, um público mais alargado, talvez o morfotipo humano de Cro-Magnon fosse conhecido por um nome português⁸ dada a descoberta de um crânio, talvez recolhido no depósito inferior, ter prioridade sobre a efectuada na gruta francesa. Com efeito, o autor, que o representa (fig. 2), dá-o como proveniente da parte mais profunda do entulho remexido, ou seja, da base do depósito superior, já de época neolítica. Infelizmente, esta peça extraviou-se há muito das colecções do Museu Geológico, conservando-se actualmente apenas um molde da mesma. Assim, não é possível avaliar a sua idade absoluta. Porém, à época, o impacto da descoberta foi, mesmo assim, significativo: W. Boyd Dawkins, na sua conhecida obra *Cave Hunting, Researches on the Evidence of Caves Respecting the Early Inhabitants of Europe*⁹, apresenta uma desenvolvida análise da gruta, a pp. 145-147, que merece transcrição. Assim, a propósito do crânio mencionado, refere:

A human skull with lower jaw was dug out the deepest part, but, since the matrix had been disturbed, it had probably been interred after the accumulation of the deposit. It is recognized

by Professor Busk (*Ethnol. Journ. N. N. 7, p. 43*) as belonging to the same long type as the skulls of the caves of Gibraltar and the Basque graveyard

Boyd Dawkins fez também desenvolvidos comentários aos materiais recolhidos no depósito superior – correspondente a sucessivas utilizações funerárias no decurso do Neolítico e do Calcolítico –, realçando as centenas de restos humanos, todos muito fragmentados e incompletos, abordando ainda a questão da antropofagia, tão cara a Nery Delgado. Menciona, ainda, a atribuição, pelo eminente arqueólogo inglês John Evans, de uma ponta de Palmela e de uma placa de xisto à Idade do Bronze, *probably to an early stage, when stone was being superseded by bronze, since many stone Celts were found in the same spot*⁹ (p. 147).

A importância internacional granjeada por este e outros trabalhos, encontra-se evidenciada pela correspondência entre eminentes investigadores e Nery Delgado, a qual envolvia, nalguns casos, como era usual na época, a permuta de materiais arqueológicos. É tal prática que explica a remessa, por Nery Delgado, a John Evans, de uma colecção de objectos pré-históricos portugueses¹⁰ (carta n.º 8), entre os quais alguns da Casa da Moura.

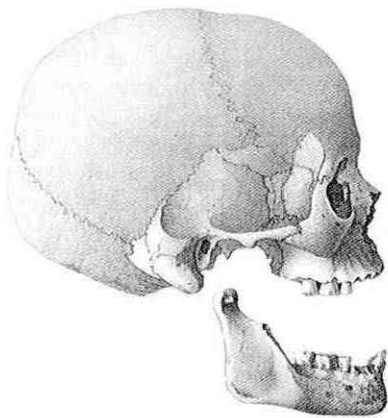


Fig. 2 – Crânio da gruta da Casa da Moura (Delgado, 1867, fig. 1)

O abundante espólio antropológico, a que Nery Delgado atribuía justificada importância, foi abordado em curta nota de F. de Paula e Oliveira, subordinado de Nery Delgado, publicada a título póstumo¹¹. Quanto ao espólio arqueológico correlativo, tendo-se revelado demasiado moderno para os objectivos perseguidos por Nery Delgado, foi na prática ignorado por este, tanto na publicação de 1867, como ulteriormente, pois apenas se lhe refere numa curta nota publicada em França, conjuntamente com os resultados sumários das explorações efectuadas na Furninha¹². Contudo, a importância científica do mesmo, não deixou de, à época, ser devidamente valorizada; assim, A. Bensaúde apresentou ao Congresso de Lisboa de 1880 um estudo, à época pioneiro, sobre a natureza mineralógica e petrográfica de alguns artefactos pré-históricos conservados no Museu da então designada Secção dos Trabalhos Geológicos, entre os quais alguns da Casa da Moura, de fluorite, fibrolite e amazonite, considerados desconhecidos em território português¹³; mais tarde, É. Cartailhac reproduziu diversos exemplares mais significativos na sua célebre obra sobre a Pré-História peninsular¹⁴. Porém, o notável espólio funerário da Casa da Moura só viria a ser integralmente publicado – reunindo os conjuntos actualmente conservados no Museu Geológico e no Museu Nacional de Arqueologia – quase cento e quarenta anos depois das primeiras escavações na gruta¹⁵, na sequência do estudo sistemático do espólio faunístico plistocénico¹⁶. O envio de materiais arqueológicos da Casa da Moura para o Museu Nacional de Arqueologia remonta a 1905, por acordo estabelecido entre a Direcção da Escola Politécnica – onde se encontravam desde 1869, na sequência da extinção da Comissão Geológica – e José Leite de Vasconcelos. Com efeito, é interessante verificar que algumas das peças actualmente ali conservadas, já tinham sido reproduzidas na colecção de litografias executadas por iniciativa de Pereira da Costa e destinadas a uma publicação sobre a arqueologia portuguesa, no âmbito da Exposição Universal de Paris, de 1867¹⁷.

A extinção da Segunda Comissão Geológica de Portugal, em 1868, resultou na transferência, no ano seguinte, dos materiais recolhidos nas escavações de 1865, dos quais apenas uma parte terá voltado, ulteriormente, à instituição (tal como se verificou com alguns dos materiais da Furninha, exumados em 1865). Assim, houve necessidade de reconstituir as colecções, no âmbito da realização, em Lisboa, em Setembro de 1880, da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas. Tal necessidade explica as intervenções dirigidas por Nery Delgado

na Casa da Moura em 1879¹⁸ e em outras grutas da Estremadura, como na gruta da Furninha, adiante referida, e na gruta da Malgas-ta, cujo espólio só recentemente foi estudado¹⁹.

Assim, a totalidade dos restos atribuíveis ao Plistocénico, actualmente existentes no Museu Geológico, resultou da exploração de 1879, já que os da primeira se conservaram na Escola Politécnica, até à sua destruição, em 1978, pelo incêndio que consumiu parte do recheio do edifício. Prova desta realidade é o facto de nenhum dos restos da espécie mais abundante, *Canis lupus* (indício de que o local funcionou como refúgio deste predador, no decurso do Würm recente) corresponder aos figurados por Nery Delgado⁶.

Alguns materiais líticos do Paleolítico Superior foram, muito mais tarde, separados do conjunto neolítico e atribuídos ao Magdalenense^{20,21}, aliás na sequência da atribuição à referida época de várias porções de zagaias, de osso, por H. Breuil, em 1918. A recente revisão destas peças²² não se afigurou concludente quanto à respectiva integração cultural, contrariamente a J. Zilhão⁸, que excluindo liminarmente a presença magdalenense as atribuiu *com toda a probabilidade* ao Gravettense. Estaria ainda representado o Solutrense, através de seis peças líticas, que levaram Camarate França e colaboradores²³ a admitir a existência de uma presença solutrense e de outra magdalenense.

Para J. Zilhão²⁴ (p. 38), *a consequência lógica das descobertas de 1961 devia ter sido, de facto, a atribuição da totalidade da série paleolítica ao Solutrense*. Magdalenenses e solutrenses, ou só solutrenses, ou nem uma coisa nem outra: J. Zilhão²⁵ reviu as suas considerações anteriores, admitindo agora a existência de um conjunto do Gravettense e outro do Solutrense, onde avultam as célebres pontas pedunculadas do tipo Parpalló. Estes escassos materiais paleolíticos proviriam do topo do depósito inferior, arenoso, com cimento carbonatado e cor avermelhada, que Nery Delgado⁶ admite ter sofrido intervenção humana, com base na presença de seixos, areias, ossos e carvões. A existência das areias é explicada pela sua acumulação intencional junto da entrada, em poço, para facilitar a descida, tendo-se, ulteriormente, espalhado pelo interior. O carvão, atribuiu-o a lareiras. A abundância de ossos de coelho e de aves foi explicada supondo-os restos de alimentação. Assim, o autor admite que a formação do depósito inferior, assente num manto estalagmítico, foi contemporânea da utilização da gruta como *uma estação de caçadores, que com toda a probabilidade*

*só era ocupada temporariamente, e era abandonada logo depois de terem terminado as refeições*⁶ (p. 39). Os leitos carbonosos diminuíam para a parte inferior do depósito, bem como a abundância dos restos faunísticos. Pode, pois, concluir-se pela existência de ocupação(ões) humana(s) paleolítica(s), correspondente(s), ao menos, à formação da parte superior do depósito plistocénico. Inferiormente ao leito principal de carvão, o autor observou um nível lenticular de areia solta, com extensão de cerca de 1,0 m e 0,2 m de espessura, que aumentava em direcção à entrada da gruta, ao contrário do que se verificava com o depósito superior.

A maior parte dos ossos de macrovertebrados apareceu numa anfractuosidade da parede, 'misturados como nos outros pontos do depósito inferior, com grande porção de ossos de coelho e de aves' (p. 29).

Os trabalhos de Delgado de 1865 (já que, dos de 1879, não se conhecem registos), consistiram na abertura de uma vala, na sala principal, de orientação N-S, em toda a largura; a espessura dos dois depósitos variava entre 2 e 4 m, até uma dura camada estalagmítica que o autor admitiu assentar sobre calcários jurássicos, que não chegou a atravessar totalmente, tendo, porém, cortado leitos arenosos interestratificados, estéreis. A espessura do depósito plisticénico não ultrapassaria 1 m no lado sul, aumentando para os lados norte e oriental.

Observámos em 1987 vestígios destes trabalhos, e confirmámos a natureza do depósito inferior e a escavação quase integral efectuada por Nery Delgado. Neste mesmo ano, realizou-se nova intervenção, cujos resultados foram publicados²⁶.

A escavação na primeira sala, perto da entrada, levou à confirmação que Nery Delgado tinha removido todo o enchimento plisticénico com interesse paleontológico e arqueológico, penetrando, ainda, no manto estalagmítico. Apenas uma área de 2,75 m², se verificou como tendo interesse, na extremidade ocidental, a qual permitiu confirmar a descrição de Nery Delgado⁶; de cima para baixo, observou-se:

C.1a – depósito húmico, antropogénico, castanho-anegrado. Restos humanos e fragmentos de cerâmica frequentes; escassos restos faunísticos (0,10 – 0,35m);

C.1b – areias siltosas compactas, castanho-claras, com fragmentos de estalagmites. Escassos restos humanos e cerâmicos podendo ter vindo do nível superior, visto se concentrarem junto do contacto, nem sempre nítido; restos abundantes (particularmente numerosos os roedores e lagomorfos) incluindo lobo (na base) e artefactos líticos escassos e atípicos (0,40 – 0,50m). Na base de C.1b, ocorrem areias avermelhadas no contacto com o manto estalagmítico; este, sobe até atingir o limite da sala, sugerindo a hipótese de, no Paleolítico Superior, a entrada poder ser horizontal, situando-se deste lado da sala; porém, tanto no Solutrense como depois, a entrada da gruta deveria corresponder à actual.

A frequência intermitente da gruta, por pequenos grupos humanos, poderia ter alternado com a de lobos, ou de outros carnívoros, em muito menor número¹⁶. Uma mandíbula de lobo, recolhida na base da C.1b (correlacionada com o depósito inferior de Delgado), foi datada pelo radiocarbono: TO-1102 – 25 090 ± 220 BP. Indica a idade da base do depósito, anterior às ocupações gravettenses e solutrenses, correlacionáveis com a parte superior daquele, corporizadas, como se referiu, por partículas ou leitos carbonosos.

A GRUTA DA FURNINHA

Do ponto de vista geológico, trata-se de cavidade cársica situada em escarpa do litoral meridional da península de Peniche, constituída por calcários do Jurássico, cujas coordenadas são: 39° 21' 23" lat. N; 9° 26' 14" long. W de Greenwich (concelho de Peniche).

A península de Peniche, cuja topografia tabular corresponde a uma superfície de abrasão, cerca de 30 m acima do actual nível do mar, encontrava-se imersa, em épocas de níveis marinhos elevados, no decurso do Plistocénico, podendo estar ligada ao continente no decurso das fases glaciárias, ou, como hoje, através de um simples tómbolo arenoso, formado recentemente, em épocas de níveis marinhos mais baixos. Ao longo do litoral sul da península, observam-se, com efeito, testemunhos de diferentes níveis marinhos, através do entalhe de rechãs, ou da conservação de retalhos de depósitos detríticos, nas cavidades do lapiás, a diversas altitudes. O nível de praia de 15 m, formado no decurso do último período interglaciário, está representado defronte da entrada da gruta por uma rechã nítida (fig. 3). Foi durante este período que se terá efectuado a abertura da gruta, devida a erosão marinha; o subsequente abaixamento do nível do mar terá sido responsável pela formação, no interior, de um poço vertical, cujo fundo, preenchido por conglomerado, pode correlacionar-se com o nível marinho, mais mo-

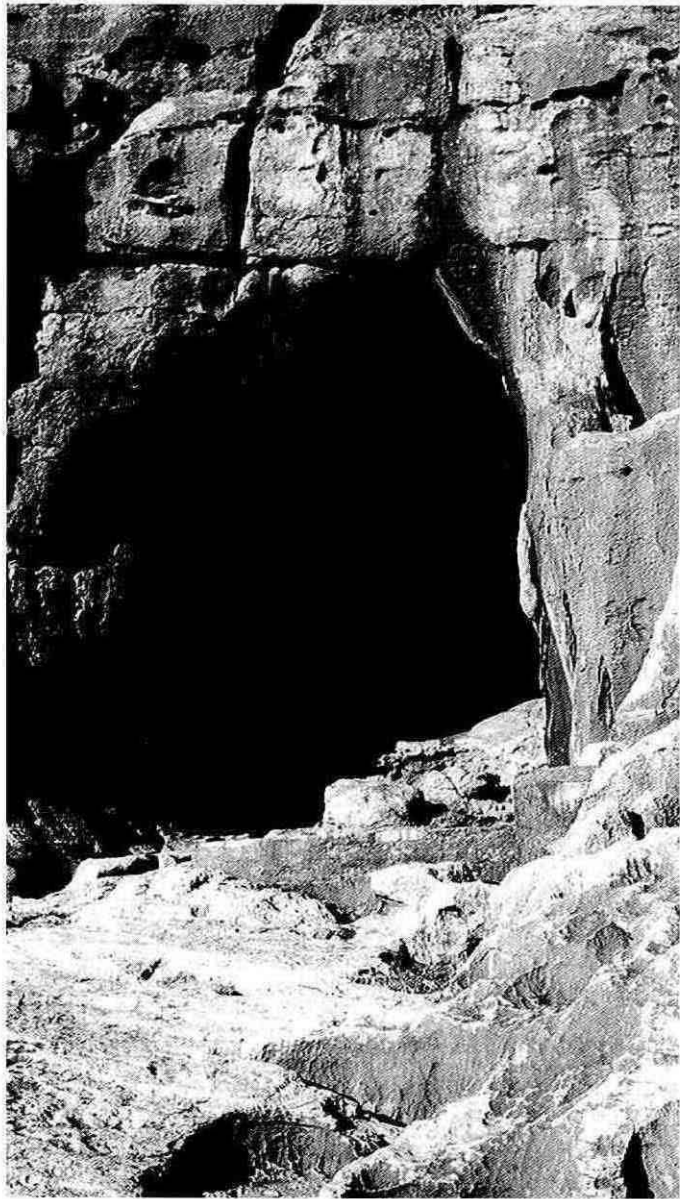


Fig. 3 – Vista da entrada da gruta da Furninha, relacionada com a superfície de abrasão marinha de 15 m acima do nível do mar (Cardoso, 2002, fig. 4)

dermo, de 5-8 m, observado no exterior da gruta. Esta, com cerca de 30 m de comprimento total, tem planta pouco ramificada: depois da entrada, em forma de ferradura, desenvolve-se um corredor de orientação N-S com cerca de 9 m e largura aproximada de 3 m; o corredor termina na sala principal; do lado oposto da sala, em comunicação com ela por estreita abertura, situa-se uma pequena câmara de planta oval. A partir do chão desta, sob um depósito de

características funerárias de época neolítica (depósito superior de Nery Delgado), desenvolve-se um poço vertical, completamente colmatado de sedimentos: é o depósito inferior de Nery Delgado (fig. 4).

No relatório dos Trabalhos Geológicos relativos ao ano económico de 1879-1880, publicado pela Imprensa Nacional¹⁸, pode ler-se (pp. 19-20):

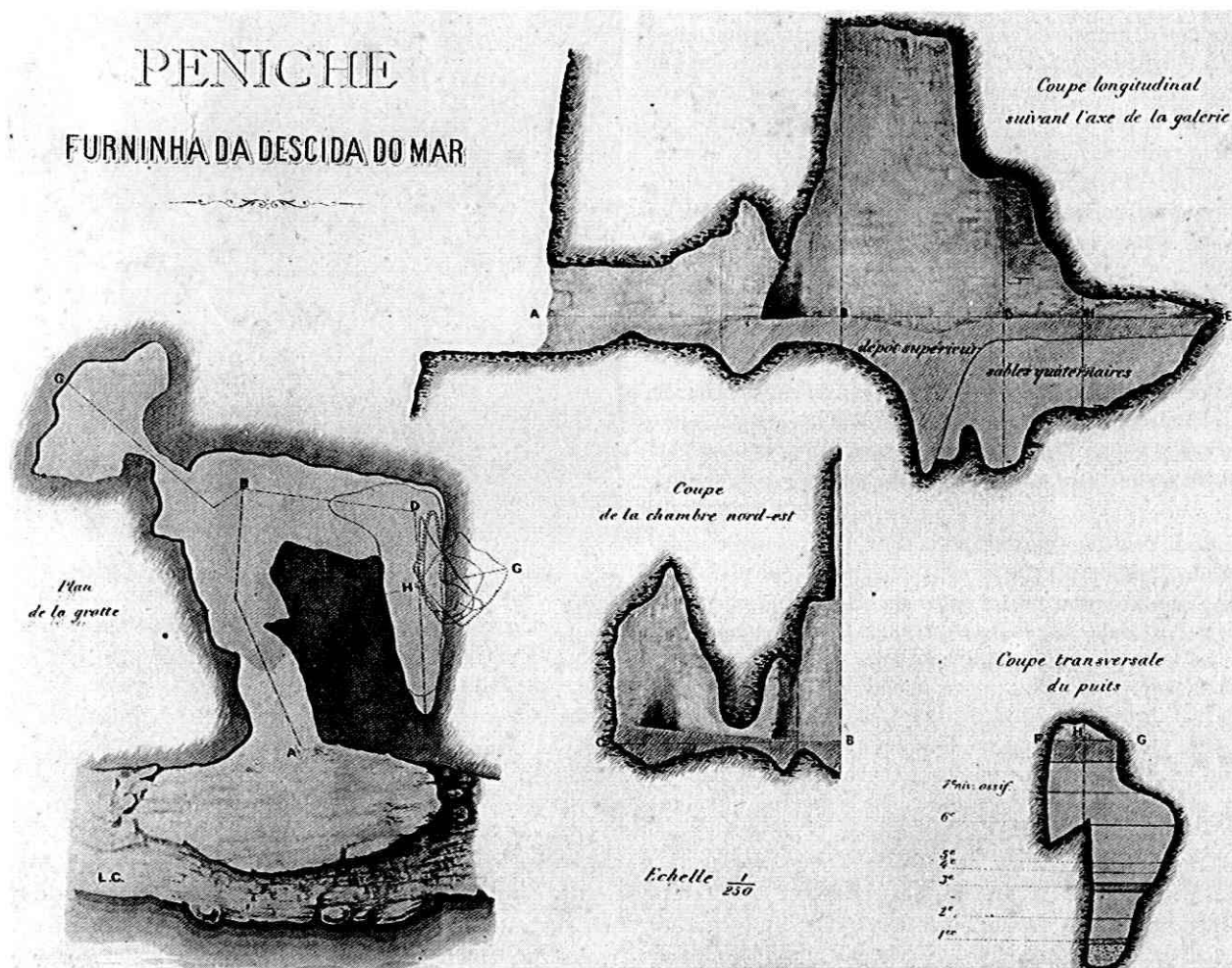


Fig. 4 – Planta da gruta da Furninha (Delgado, 1884, s. n.º)

O adjunto da secção, o major Nery Delgado, nos dois primeiros mezes d'este anno económico occupou-se em apartar os fosses e compor as estampas que deviam acompanhar a descripção que começára, do terreno siluriano do Alentejo, sendo em seguida encarregado no principio do mez de Setembro especialmente de dirigir a exploração de diversas grutas, começando pelas de Maceira, que aliás foram pouco productivas, e passando depois ás de Cesareda e de Peniche, onde já em 1866 se haviam obtido provas evidentes de terem servido de habitação durante a epocha neolithica. Infelizmente as collecções então obtidas não existiam no museu da secção geológica, tendo sido transferidas em 1869 para a escola polytechnica juntamente com as collecções paleontologicas da antiga commissão geológica, o que obrigou a executar os trabalhos como se nada de facto existisse. Entretanto, se a primeira exploração d'estas grutas, feita há treze annos, fora assas productiva dando assumpto para uma memoria que o mesmo official então publicou sobre este objecto, as explorações que ultimamente se repetiram excederam a expectativa mais exigente pela importância e número dos objectos obtidos.

Na gruta de Peniche, que foi totalmente despejada, alem dos objectos colligidos no deposito superior ou da epocha neolithica, que bem revela os hábitos predominantes da tribu que habitou a gruta n'essa epocha, obteve-se no deposito inferior e em diferentes niveis successivos, que representam outros tantos periodos de habitação da gruta separados por intervallos em que as aguas penetraram dentro d'ella os representantes de uma fauna em parte extincta, e que evidentemente foi contemporânea do homem, como se prova pelas numerosas lascas de ossos partidos longitudinalmente, acompanhando lascas de sílex e alguns instrumentos d'esta mesma substancia, em que é patente uma acção intencional ou intervenção de um ser intelligente

Como trabalhos de campo este official fez algumas excursões de curta duração aos sítios onde se executavam as explorações das grutas, que immediatamente lhe cumpre examinar.

Esta longa descrição permite verificar: 1) que Nery Delgado não se encontrava em permanência nas referidas escavações; 2) a existência de antecedentes que justificaram as explorações realizadas em

1879, ainda que fosse nesse ano que a efectiva exploração da gruta se effectuou, rectificando o afirmado por M. Diniz²⁷, que atribuiu toda a intervenção ao ano de 1865, ao basear-se em algumas peças que ostentam aquela data.

Sem dúvida que o interesse arqueológico desta gruta era já conhecido anteriormente; comprova-o o facto de uma das peças resultantes das primeiras explorações na gruta – um pequeno recipiente calcolítico decorado, de osso – ter sido reproduzido numa das já mencionadas litografias realizadas, sob direcção de Pereira da Costa, destinadas à illustração de uma publicação no âmbito da Exposição Universal de Paris realizada em 1867¹⁷. Deste modo, o interesse arqueológico da gruta da Furninha era conhecida de há muito por parte da Comissão Geológica, cujo director, desejoso de apresentar novos materiais arqueológicos e paleontológicos aos sábios reunidos em 1880 em Lisboa, no âmbito da celebração da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, encarregou Nery Delgado de providenciar a exploração de mais esta gruta, embora estivesse longe de imaginar a efectiva importância científica da mesma.

Outra das realidades a que o texto transcrito alude, e que importa valorizar desde já, é a referência a ossos fracturados intencionalmente no depósito inferior, alguns deles reproduzidos², realidade que só muito mais tarde se veio a confirmar, em outros contextos do Mustierense, dos quais este foi o primeiro que, em Portugal, se identificou numa gruta. Com efeito, os artefactos líticos ali recolhidos foram assim pela primeira vez classificados por Joaquim Fontes, classificação que, mais tarde, foi confirmada por H. Obermaier e H. Breuil²⁸, aquando da primeira viagem deste último a Portugal, em 1918. Embora a intencionalidade das fracturas daquelas peças ósseas, no caso da Furninha, seja discutível, Nery Delgado teve o mérito de chamar, pela primeira vez, a atenção para essa realidade.

Enfim, a importância que, na transcrição apresentada, é conferida à água na formação dos depósitos arenosos estéreis que separam os diversos níveis ossíferos – que Nery Delgado volta a sublinhar no trabalho publicado em 1884 – merece discussão. Com efeito, tal hipótese, que fazia do local um alvo frequente das acções das vagas, não é compatível com a presença dos diversificados e abundantes restos faunísticos de grandes mamíferos, constituindo camadas interestratificadas nos referidos depósitos arenosos;

tal presença atesta, pelo contrário, a forte influência de vastas áreas emersas, situação que só é compatível com a existência de baixo nível marinho. Se atendermos à cronologia obtida para o 3.º nível ossífero, a 7,5 m de profundidade: 80 886 + 42 423; - 31265 BP¹⁶ pelo método das séries de U, facilmente se conclui que no início da última glaciação, as áreas postas a descoberto, pela regressão marinha, propiciariam sedimentos arenosos, os quais, remobilizados pelos ventos, viriam a colmatar sucessivamente o poço, em épocas em que declinava a presença dos animais que frequentavam a gruta (ursos e hienas, são as espécies mais frequentes).

A formação do depósito inferior, acumulado no poço, terá ocorrido, pois, no decurso do baixo nível do mar no início da última glaciação. Desta forma, a sucessão sedimentar acima do nível conglomerático da praia de 5-8 m deve ser contemporânea do Würm Antigo, como indica a datação absoluta obtida. Temos, pois, na gruta da Furninha, a existência de dois complexos principais, integralmente explorados por Nery Delgado e por ele descritos em pormenor.

O depósito superior, com cerca de 1 m de potência, correspondente à necrópole neolítica, possuía textura arenosa, como o inferior, mas apresentava-se negro, rico em matéria orgânica, com restos de diversas espécies, alguns talvez oriundos dos níveis inferiores. Aparentemente provenientes desta camada encontraram-se, na revisão efectuada por H. Breuil e G. Zbyszewski²⁹ (1945), algumas pontas de loureiro solutenses, a que J. Roche³⁰ acrescenta outros materiais, atribuíveis ao Paleolítico Superior. A escavação deste depósito, no estreito corredor oriental que parte da grande sala, pôs a descoberto a boca de um poço vertical, com 3 a 4 m de diâmetro, preenchido em toda a sua altura, cerca de 9 m, por uma sucessão de camadas atribuíveis ao Würm, cuja datação absoluta foi acima referida: trata-se do depósito inferior, que forneceu a Nery Delgado quase todos os restos plistocénicos de mamíferos actualmente conservados, tal como os materiais mustierenses conservados no Museu Geológico. O enchimento, sob a camada neolítica, era constituído por 8 m de areias amareladas, em leitos alternantes com seis níveis ossíferos; os ossos, em bom estado de conservação, apresentam frequentemente dendrites manganésíferas; os conteúdos de cada um dos níveis são bastante uniformes, correspondendo à *une seule faune*³¹. De baixo para cima, com base na descrição apresentada por Nery Delgado², verificava-se a seguinte sucessão:

C.1 (1º nível ossífero) – a 10,30 m do solo primitivo da gruta (a 9,30 m do topo do enchimento plistocénico), na base do poço, observava-se um depósito conglomerático poligénico, com seixos de sílex e, mais raramente, de granito da Berlenga, quartzo filoniano e quartzito, com cimento carbonatado, muito coerente; passava lateralmente a um arenito grosseiro, rico de fragmentos de conchas.

Um estrato estalagmítico, fossilífero, de alguns decímetros de espessura, cobria este nível; Nery Delgado considerou-o, ainda, como parte dele, por conter seixos rolados de granito da Berlenga, de quartzo e de sílex. A sua existência mostra que a cascalheira ficou a descoberto antes do início da sedimentação arenosa que preencheu o poço.

C.2 – areias soltas, muito finas, talvez de origem cólica, com espessura superior a 1,00 m. Nery Delgado considerou-as de possível origem marinha, acumuladas aquando de grandes marés; porém, como acima se referiu, era natural que, então, a gruta estivesse fora do alcance das vagas, até pela existência de crosta estalagmítica, formada sobre a cascalheira; deve ser considerada com reserva a hipótese, de esta camada resultar da sedimentação de detritos transportados pela circulação de água no interior da gruta. A abundante alimentação de areia, acumulada na extensa superfície anteriormente coberta pelo mar e agora exposta aos ventos, parece constituir explicação para a origem provável deste depósito, tal como dos depósitos subsequentes do mesmo tipo.

O rolamento pela água, invocado por Nery Delgado e observado em alguns restos ósseos, pode ser atribuído a ataque químico. A ocorrência de uma porção de rádio de lobo, separada de outro fragmento por 1,5 m de sedimentos, encontrado no nível fossilífero seguinte, foi interpretada pelo autor como prova do transporte pela água corrente; mas, neste caso, é mais fácil admitir a acção de carnívoros ou a do próprio homem, como estando na origem do seu ulterior transporte até ao poço onde os dois fragmentos se depositaram, em épocas diferentes.

C.3 (2º nível ossífero) – não se indica a espessura deste nível ossífero.

C.4 – areia estéril, solta (1,30 m de espessura).

C.5 (3º nível ossífero) – situa-se entre 7,00 e 7,50 m de profundidade, a contar do solo primitivo. Os ossos distribuíam-se por 3 leitos, separados por areias. É o nível mais rico, pelo número de espécies, e com melhor conservação dos ossos.

Nery Delgado recolheu indústrias sobre lascas de sílex, de quartzo e de quartzito atribuíveis ao Paleolítico Médio, que nunca foram estudadas em pormenor, bem como um biface de sílex, do Acheulense Superior (fig. 5), a 5,80 m de profundidade, mas não no poço; a peça jazia a montante, no corredor, pelo que não se pode estabelecer correlação directa com os materiais encontrados no mesmo nível do poço.

C.6 – areias estéreis (0,50 m de espessura);

C.7 (4º nível ossífero) – situado a 6,50 m de profundidade, trata-se de uma fina camada interestratificada nas areias; *une petite espèce de Hélix, a été seulement trouvée dans ce niveau, paraissait marquer une période (...) pendant laquelle (la grotte) était parfaitement à sec*³ (p. 257). Esta observação reforça a hipótese de estes depósitos terem resultado de acumulações subaéreas, de origem cólica.

C.8 – areias estéreis (0,50 m de espessura);

C.9 (5º nível ossífero) – o topo deste nível situava-se a 6,00 m do chão primitivo do corredor; deu fauna abundante; a grande quantidade de coprólitos de hiena indica que este carnívoro habitou então a gruta (p. 259), embora tenham também sido colhidos produtos de debitage de sílex. Nery Delgado não indica a espessura, mas a relação com a profundidade do nível fossilífero seguinte permite estimá-la em 0,30 m.

C.10 – areias soltas e estéreis (1,50 m de espessura).

C.11 (6º nível ossífero) – é constituído por dois finos leitos fossilíferos, 4,20 m abaixo do chão do corredor e outro, mais alto, separado do anterior por 0,20 m de areias estéreis. Foram colhidas lascas de sílex, de quartzo e de quartzo, bem como um fragmento de osso longo *avec des incisions ... produites par un instrument tranchant*² (p. 262), elementos que são indicio de actividade humana.

C.12 – areias soltas, estéreis (1,50 m).

C.13 (7º nível ossífero) – situado a 2,50 m do chão do corredor. As areias que serviam de matriz a este nível eram diferentes das anteriores: apresentavam-se finas, muito micáceas, brancas e mais ou menos cimentadas pelo tufo estalagmítico (1,50 m de espessura). A presença humana está documentada por seis lascas de sílex: G. Zbyszewski²⁹ considera esta camada, de aspecto loéssico, contemporânea do Paleolítico Superior.

A sucessão assim minuciosamente descrita por Nery Delgado, revela a ocupação cíclica da gruta após a retirada do mar grimaldiano, representado pelo nível de 5-8 m: nas fases de abandono, depositar-se-iam os níveis estéreis, arenosos. Nos episódios em que a gruta se encontrava ocupada por hienas, acumular-se-iam, no poço, níveis formados, sobretudo, à custa de animais que capturavam (cavalo, veado, boi-selvagem, eventualmente urso) e dos seus próprios restos (além dos coprólitos, os ossos de hiena são dos mais abundantes em todos os níveis, juntamente com os de urso). A gruta teria servido de refúgio temporário a outros carnívoros (por ordem decrescente de importância: urso, lobo e linco) e ao homem, cuja presença se encontra documentada por materiais líticos e por um fragmento de mandíbula de criança² (Est. IA, n.º 1), recolhido no nível ossífero mais rico (o 3.º). Esta peça, de evidente interesse, dado pertencer, com toda a probabilidade, a um resto de Neandertal – e, neste caso, o primeiro que se terá recolhido em Portugal – desapareceu há muito do Museu Geológico, tal como outras, por ele citadas, por exemplo, um crânio de urso, quase completo² (p. 251), e restos de bóvidos² (pp. 255, 262). Dada a sua importância, não é crível, por outro lado, que, seguindo os usos da época, tenha sido oferecida por permuta com instituições congêneres. Com efeito, materiais menos significativos foram oferecidos ao Instituto de Coimbra, integrando actualmente as colecções do Instituto de Antropologia da Universidade de Coimbra.

Da descrição de Delgado, nada autoriza a considerar dois níveis marinhos na base do enchimento do poço, nem a concluir, ao contrário de outros investigadores, que os objectos mustierenses se situavam no nível superior da sucessão plistocénica; no corte apresentado, podem distinguir-se três conjuntos de características diferentes, antecedendo a instalação da necrópole neolítica:

– Na base, um nível de praia representado por cascalheira com *Patella* sp., *Littorina littorea*, aves, coelho, urso e carnívoros indeterminados. É correlativo da formação do nível marinho de 5-8 m, integrável nos primórdios da última glaciação.

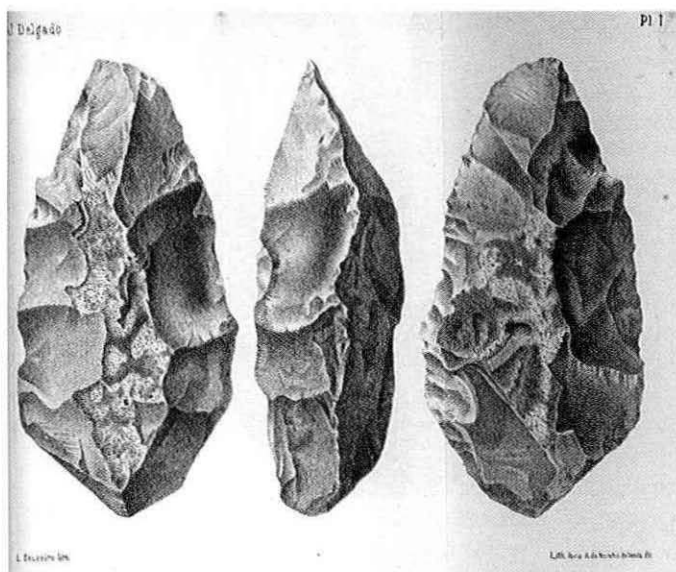


Fig. 5 – Biface acheulense da gruta da Furninha (Delgado, 1884, pl. 1)

- Na parte média, um espesso conjunto de areias esbranquiçadas, separado da cascalheira da base por uma crosta estalagmítica, evidenciando descontinuidade na sedimentação; este complexo integra seis níveis ossíferos, fauna homogénea e indústrias mustierenses; a deposição das camadas arenosas estereis, soltas, deve-se atribuir essencialmente à ação eólica.
- Na parte superior, um nível com 1,5 m de espessura, de areias finas, brancas e micáceas, de aspecto loéssico, correlativas do máximo glaciário. Evidenciam também deposição essencialmente eólica. É a este nível que se deverá reportar a origem primária das cerca de quarenta peças atribuídas ao Paleolítico Superior por H. Breuil e G. Zbyszewski, e que uma revisão de J. Zilhão⁸ permitiu reduzir substancialmente, confirmando, no entanto, uma presença humana esporádica durante o Solutrense, representada pelas pontas de loureiro já aludidas, antecedida de outra, ainda mais esporádica, hipoteticamente verificada no Gravetense.

A classificação da fauna plistocénica recuperada na gruta da Furninha foi feita, de início, pelo próprio; apesar da bibliografia actualizada que tinha ao seu dispor, em Portugal, imagina-se facilmente as dificuldades com que se defrontou. Não sendo especialista nas faunas quaternárias, soube, ainda assim, identificar correctamente, de acordo com os critérios da época, a maioria dos táxones presentes, mas alguns revelam as dúvidas com que se defrontou, designando-os sucessivamente por sp., dentro do mesmo género (caso de *Felis*). Uma das determinações mais interessantes respeita à hiena raiada fóssil, *Hyaena hyaena prisca*, que separou erradamente em duas espécies distintas, pelo tamanho. Trata-se de um dos mais modernos restos desta espécie conhecida no continente europeu, e que evidencia o papel de área-refúgio que o Ocidente peninsular oferecia, mercê das condições propícias: isolamento geográfico, baixa latitude e proximidade oceânica. Correspondência trocada em 1885 com o eminente paleontólogo do MNHN de Paris, Albert Gaudry, evidencia o nível de Nery Delgado como observador, sem prejuízo de, reconhecendo a vantagem de apresentar um trabalho especializado, ter solicitado a colaboração de Edouard Harlé, com quem se correspondeu em 1897 a propósito da classificação da Hiena da Furninha. O paleontólogo francês, por via da solicitação de Nery Delgado, encarregou-se do estudo dos restos faunísticos plistocénicos conhecidos até então no território português³¹, os quais lhe foram remetidos para Toulouse, antecedido da publicação de contributos mais limitados, dedicados às faunas das grutas das Fontainhas³² e da Furninha³³.

O depósito superior de Nery Delgado engloba duas ocupações neolíticas, ambas de carácter funerário: a mais antiga, reporta-se ao Neolítico Antigo evoluído, podendo inscrever-se, globalmente, na primeira metade do V milénio a. C. e encontra-se caracterizada por um conjunto de recipientes cerâmicos, entre os quais merece destaque um vaso em forma de saco, intacto, que tem sido repetidamente reproduzido, em publicações nacionais e internacionais, a começar pelo próprio Nery Delgado (fig. 6); a mais recente corresponde à instalação de outra necrópole, no final do Neolítico, entre a segunda metade do IV milénio a. C. e os primórdios do milénio seguinte, dada a presença de placas de xisto e de alfinetes com cabeça postiça canelada. Reporta-se, aliás, a um destes objectos, a única datação absoluta conhecida para esta necrópole: OxA-5505 – 4335± 65 BP³⁴, a qual depois de calibrada para dois *sigma* corresponde ao intervalo de 3100-2780 cal BC, resultado consentâneo com a cronologia usualmente atribuída às ditas peças.



Fig. 6 – Vaso neolítico da Furninha (Delgado, 1884, pl. XI)

A importância arqueológica do conjunto do Neolítico Antigo foi devidamente salientada por J. Guilaine e O. Veiga Ferreira³⁵, no seu estudo pioneiro de 1970, que conduziu depois o primeiro dos autores a isolar o chamado *horizonte da Furninha*³⁶.

Do ponto de vista metodológico, é notória a importância conferida por Nery Delgado à descrição do depósito plistocénico, cujo cuidadoso registo vai ao ponto de as largas centenas (ou milhares) de peças recolhidas se encontrarem marcadas individualmente, com a indicação do nível e da respectiva profundidade de colheita, o que, mesmo na actualidade, constitui prática pouco usual entre os arqueólogos. Este cuidado e minúcia, acompanhado pelo rigor das determinações faunísticas, contrasta com a análise sumária do depósito superior, a ponto de lhe ter passado despercebida a existência de duas ocupações distintas. Na verdade, o contraste na profundidade da análise das duas realidades em presença revela bem que o objecto do estudo de Nery Delgado se centrava na ocupação mais antiga, aquela que poderia fornecer elementos sobre a antiguidade da presença humana na gruta, com base na determinação das espécies extintas, que ali se encontravam conservadas: é, como bem sublinhou M. Dinis²⁷, um bom exemplo de adaptação de metodologias de investigação aos pressupostos que se pretendem demonstrar.

Apesar de tudo, uma questão central, da maior importância da investigação da época, foi colocada, de forma objectiva e premente, e motivou apaixonado debate por parte dos congressistas de 1880: segundo Nery Delgado, a comunidade humana cujos despojos se conservaram na Furninha – tal como em outras grutas que explorou, como a da Casa da Moura praticava em alto grau a antropofagia. Esta foi, com efeito, a conclusão a que chegou, com base em factos que considerou irrefutáveis:

- a fracturação intencional evidenciada pela maioria dos ossos humanos, situação que também terá observado em outras grutas como a da Casa da Moura, a seguir referida;
- a assinalável desproporção verificada entre as diferentes peças ósseas do esqueleto, a qual não se poderia explicar simplesmente pela inumação sucessiva de corpos no mesmo local, nem pelas modificações produzidas pelos carnívoros, nem tão-pouco por outras causas naturais.

A esta novidade juntou-se outra descoberta notável: uma calote craniana com vestígios de início de trepanação. A comissão para

apreciação da questão da antropofagia na Furninha, por proposta de Shaaffhausen, constituída por Barbosa du Bocage, Capellini, Cartailhac, Hildebrand, de Mortillet, Schaaffhausen, Virchow e Vasconcelos Abreu, apresentou, um relatório com as declarações de voto de todos os seus elementos, cujo resultado foi o seguinte: a favor – 2; provável – 2; duvidosa – 1; contra – 3. Nery Delgado assistiu ao debate sem nele participar, e, no final, pediu a palavra, para sublinhar os seus pontos de vista, aludindo à existência de inúmeros ossos humanos partidos intencionalmente e parcialmente queimados pelo fogo; a propósito da conclusão obtida pela Comissão, declarou: *L'arrêt qu'elle vient de prononcer n'est pas décisif; je puis, cependant, assurer au Congrès que dans le cas même où cet arrêt eut été défavorable à mon hypothèse, je ne serais pas convaincu*².

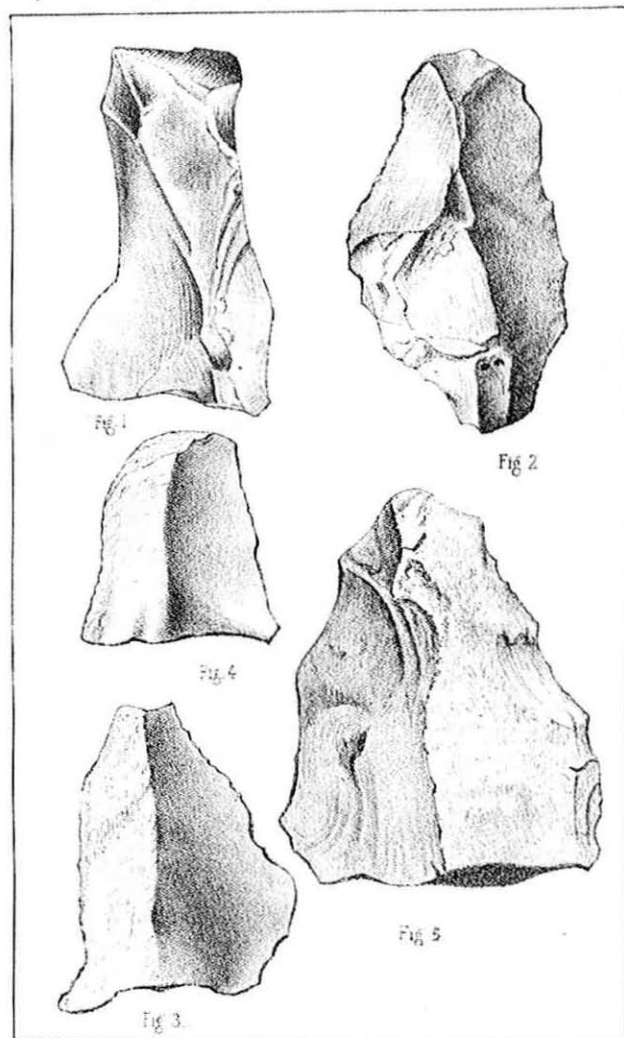
A questão, cujos contornos culturais eram evidentes, ferindo a sensibilidade dos sábios oitocentistas, tinha, porém, uma explicação simples, que aqueles ainda desconheciam: as práticas funerárias do Neolítico, envolvendo, nalguns casos, a descarnação dos ossos e a presença de fogueiras de purificação, cujo calor, dada a proximidade dos despojos, frequentemente os atingia. A Furninha constituiu, pois, um importante ossário colectivo, dispersando-se os restos por vasta área da cavidade, desprovidos já de conexões anatómicas, como bem observou Nery Delgado. Estranhamente, mais de cento e vinte anos após a importante descoberta, ainda não foi realizado o estudo de todo o espólio neolítico exumado, objectivo a que o signatário pretende dar início dentro em breve.

A QUESTÃO DO HOMEM TERCIÁRIO EM PORTUGAL

Plenamente comprovada na Europa a antiguidade quaternária (ou antediluviana) da espécie humana na década de 1860, importava ir ainda mais longe na busca das origens. É nessa preocupação, comum a diversos investigadores da Europa Ocidental, que se devem inscrever as investigações de Carlos Ribeiro sobre o *Homem terciário português*. Com efeito, Carlos Ribeiro contava-se entre os poucos pré-historiadores que contribuíram, com achados efectivos, para a discussão do Homem Terciário, instalada na Europa da segunda metade do século XIX. Remontam a 1866 as primeiras publicações de peças líticas supostamente talhadas – os *Eólitos* – num primeiro opúsculo sobre a geologia das bacias sedimentares do Tejo e do Sado. Tendó em vista os conhecimentos de então,

os respectivos depósitos foram considerados quaternários. Em 1871, Carlos Ribeiro reconsiderou a inclusão no Quaternário destes depósitos, apesar das peças supostamente talhadas neles encontradas, dos quais os mais relevantes se desenvolviam na região da Ota, na margem direita da bacia do Tejo. A análise estratigráfica, com base em critérios estritamente geológicos, conduziu-o a incluí-los no Terciário, sendo, conseqüentemente, terciária a época dos pretensos artefactos³⁷. Estava assim desencadeada a questão em Portugal. Tal foi a relevância científica dada às descobertas, que, no ano seguinte (1872), uma selecção dos melhores exemplares foi apresentada por Carlos Ribeiro à VI Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunida em Bruxelas (fig. 7). Os resultados foram, no entanto, recebidos globalmente com cepticismo, levantando-se dúvidas, ou sobre a autenticidade das peças apresentadas, ou, cumulativamente, sobre a idade dos próprios terrenos que, para alguns congressistas, poderiam ser mais recentes do que julgava Carlos Ribeiro. O esclarecimento desta questão motivou outra intervenção, também publicada nas respectivas actas^{38,39}. Não desanimou, porém, o nosso geólogo. Por ocasião da Exposição Internacional de Paris, de 1878, Carlos Ribeiro levou consigo noventa e oito exemplares que então ali foram expostos. Deste conjunto, Gabriel de Mortillet separou vinte e dois, nos quais admitiu vestígios irrefutáveis de trabalho humano, chegando mesmo a reproduzir seis deles em 1879 e, depois, em 1885, no seu manual, de larga difusão internacional, *Le Préhistorique*⁴⁰ (p. 99, nota 1). Logo no ano seguinte, É. Cartailhac publicou oito de tais exemplares e, mais tarde, três¹⁴. Começava, pois, a dar frutos a persistência de Carlos Ribeiro, e era o próprio que, a tal respeito, declarava, em 1871, o seguinte:

*A indiferença, e mais ainda a opposição que, no animo da maior parte das pessoas dedicadas ao estudo das sciencias e de litteratura, encontraram as descobertas relativas ao homem primitivo ou ante-diluviano, tiveram diversas causas entre as quais podemos mencionar: a duvida que se manifesta sempre em receber factos e descobertas novas, quando se não harmonizam ou estão em desaccordo com as idéas geralmente recebidas; os preconceitos e o fanatismo cego que muitos homens teem pelas theorias, preferindo antes morrer abraçados a ellas do que prestar homenagem à evidencia dos factos e à verdade; e por fim a pouca vontade do maior numero em trocar os gozos e confortos domesticos pelos incommodos inevitaveis das viagens e explorações, quando teem um fim puramente scientifico*³⁷.



SILEX TERTIAIRES DU PORTUGAL

(Mémoire de M. RIBEIRO)

(Grandes tableaux)

Fig. 7 – Eólitos da região da Ota (Ribeiro, 1873, pl. 3)

A predisposição da comunidade científica para a discussão mais pormenorizada desta questão tinha sido, no entanto, conseguida. Estavam, assim, reunidas as condições para se efectivar em Lisboa, em 1880, a IX Sessão do Congresso Internacional de Arqueologia e de Antropologia Pré-Históricas, a que já anteriormente, no decurso deste estudo, se fez referência. À sessão de abertura compareceram as altas individualidades da vida do País, a começar pelo Rei D. Luís, protector do Congresso, e pelo Rei D. Fernando, seu presidente de honra. O tema principal era a observação detalhada dos materiais recolhidos e a visita ao local dos achados.

Mesmo em obras de divulgação, ecoou a importância da reunião: Oliveira Martins incluiu logo na 2.^a edição dos *Elementos de Anthropologia* numerosos extractos das comunicações apresentadas, e o impacto no seio da população foi efectivo: basta recordar os numerosos apontamentos de Rafael Bordalo Pinheiro, constituindo verdadeira reportagem caricaturada dos principais intervenientes, nas páginas de *O António Maria*, de 23 e 30 de Setembro, portanto sobre o próprio acontecimento. Carlos Ribeiro é tratado com admiração: *o nome deste forte e honrado trabalhador ficará gloriosamente ligado para todo o sempre a um dos mais importantes factos da sciencia europeia n'este seculo*, enquanto o architecto Possidónio da Silva, fundador e presidente da Real Associação dos Archeologos Portuguezes, sediada nas ruínas do antigo Convento do Carmo, é displicentemente apresentado como *o organizador de um basar de prendas velhas no museu archeologico...*. Assim, jocosamente, se traçava a diferença entre os arqueólogos com formação científica que se dedicavam aos estudos da Pré-História, no âmbito do positivismo da época, e os antiquários, herdeiros dos seus homólogos do século XVI, dados às mais eruditas especulações estéticas, em torno da beleza artística de alguns dos testemunhos do passado que chegaram até nós, no quadro do movimento romântico (fig. 8).

A 21 de Setembro de 1880, Carlos Ribeiro apresentou a comunicação *L'Homme tertiaire en Portugal*⁴¹, a única a que o Rei D. Luís assistiu. No final, foi constituída uma comissão, a qual reuniu, após a excursão à região da Ota, realizada no dia seguinte. Nela já não participou Carlos Ribeiro, devido à doença de que viria a falecer dois anos depois. Foi, na ocasião, recolhida uma lasca de sílex, por Bellucci, considerada inquestionavelmente talhada, retirada do depósito conglomerático, na presença de alguns congressistas, para além de muitas outras, que jaziam à superfície.

Reunida a Comissão, o resultado saldou-se a desfavor da intencionalidade de talhe das peças consideradas como recolhidas *in situ* e, portanto, contra a legitimidade do *Homem terciário português*, por seis votos contra cinco. Virchow, o eminente professor de Antropologia da Universidade de Berlim e declarado opositor da autenticidade das descobertas, na qualidade de presidente da



CARLOS RIBEIRO; O DESCOBRIDOR DO HOMEM TERCIÁRIO PORTUGUEZ.—Quando alguns dos sabios nacionaes viram posta em duvida a autenticidade d'este descobrimento elles jubilaram muito, porque não ha coisa que mais alegre um sabio ambiguo do que encontrar um outro que lhe parece mais ambiguo ainda. Não obstante isso, o nome d'este forte e honrado trabalhador ficará gloriosamente ligado para todo e sempre a um dos mais importantes factos da sciencia europeia n'este seculo.

Fig. 8 – Caricatura de Carlos Ribeiro, por Rafael Bordalo Pinheiro, por ocasião da IX Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas, reunido em Lisboa, publicada em *O António Maria*, 30 de Setembro de 1880, p. 318. O “homem terciário” representa o duque de Aveiro.

Comissão, encerrou o memorável debate – pormenorizadamente transcrito por P. Choffat⁴² – nos seguintes termos (p. 118): *Persomme ne demandant la parole, la séance va être levée. Ce n'est par une méthode scientifique que de trancher les questions à la majorité des votats. Il faut donc remettre la décision à un autre Congrès.*

Declarado defensor do *Homem terciário português*, Gabriel de Mortillet, autor da obra de larga divulgação *Le Préhistorique*, levou tal convicção ao extremo de baptizar o autor destes supostos artefactos (os eólitos), com o nome científico de *Anthropopithecus ribeiroi*³⁹, convicção ainda mantida em 1905 pelo próprio, na edição mais recente da referida obra.

O nome arrevesado resultante desta latinização forçada não passou despercebido ao humor ácido de Camilo Castello-Branco, num livrinho intitulado *O General Carlos Ribeiro (recordações da mocidade)*⁴².

A questão do *Homem terciário português*, no que a Portugal diz respeito, só foi cabalmente resolvida em 1942, por H. Breuil e G. Zbyszewski²⁹, tomando como ponto essencial de referência uma observação de Nery Delgado que, ulteriormente, procedeu a escavações na Ota, com o objectivo de recolher peças *in situ*, nos depósitos terciários assinalados por Carlos Ribeiro, face às reservas manifestadas pela maioria dos congressistas de 1880, dado que a idade terciária dos referidos depósitos não estava em causa (salvo opiniões isoladas), mas apenas a autenticidade das peças que Carlos Ribeiro neles recolheu. Esta iniciativa de Nery Delgado só pode ser entendida como mais uma prova da admiração e dedicação que votava à memória de Carlos Ribeiro, seu antigo chefe. Os resultados destes trabalhos encontram-se publicados nas *Actas da X Sessão do Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Pré-Históricas*, reunido em Paris em 1889⁴³, onde foram apresentados, e também nas *Comunicações da Direcção dos Serviços Geológicos de Portugal*⁴⁴. Contudo, as escavações por si realizadas na Ota impediram-no de confirmar as anteriores observações do seu antigo Mestre. É o próprio que declara:

je n'ai pas été assez heureux ..., pour découvrir dans l'intérieur du grès une seule pièce semblable à celles que feu Carlos Ribeiro a présentées comme ayant été trouvées dans ces conditions. Je ne veux pas mettre en doute

*l'authenticité de ses trouvailles, la loyauté scientifique m'imposait pourtant le devoir de faire cette déclaration*⁴⁴.

Os cerca de trinta exemplares terciários recolhidos no interior da camada afiguravam-se, aos olhos do autor, diferentes dos vinte e quatro recolhidos à superfície, cujas formas mais definidas poderiam indiciar trabalho intencional, contrastando com a forma bastante irregular dos exemplares terciários, que submeteu à apreciação dos congressistas, declarando-se desde logo incapacitado de emitir opinião a tal respeito. Na discussão, entrevistaram alguns dos congressistas de 1880, como Vilanova, Mortillet, Cartailhac e Quatrefages, bem como um então jovem paleontólogo, que despontava, Marcellin Boule. A temática do diálogo, aliás de curta duração, rapidamente derivou para a análise da autenticidade de materiais terciários franceses (Thenay, Puy-Courny). Apenas Mortillet valorizou um exemplar apresentado por Nery Delgado, de talhe intencional incontestável, com uma forte concreção de arenito avermelhado muito duro. O facto de ter sido recolhido à superfície, não impediu Mortillet de lhe atribuir cronologia indubitavelmente terciária: *Il est impossible d'avoir un passeport établissant la provenance d'une manière plus concluante* (p. 163). Contudo, foi esta mesma peça, também valorizada por Nery Delgado, que esteve na origem da resolução da questão, no que a Ota dizia respeito. Com efeito, H. Breuil e G. Zbyszewski admitiram a existência, na Ota, de dois conjuntos: um, constituído por eólitos desprovidos de trabalho humano, em regra com arestas boleadas, recolhidos *in situ*, nos depósitos terciários; outro, que integrava peças semelhantes e exemplares com arestas vivas, inquestionavelmente trabalhados, de diversas épocas, por vezes com concreções ferruginosas aderentes. Esta característica indicava que provinham de coberturas detriticas mais modernas, de época quaternária, constituídas por arenitos ferruginosos, entretanto quase totalmente desmantelados pela erosão²⁹. Foi num retalho destes depósitos, por certo, que Bellucci, em 1880, recolheu a lasca de sílex que tanta sensação tinha causado. Compreendem-se, assim, as dificuldades sentidas por Carlos Ribeiro em diferenciar os dois depósitos sedimentares sobrepostos, tanto mais que o mais moderno apenas se encontraria pontualmente conservado. Assim, o ilustre pioneiro da Pré-História portuguesa recolheu, entre muitos eólitos naturais, outras peças efectivamente trabalhadas, só que oriundas de camadas sedimentares mais modernas, já quaternárias. É, justamente, de uma dessas camadas, que provém o exemplar recolhido por Nery Delgado e mostrado em Paris aos congressistas de 1889. Assim se resolveu

definitivamente uma questão que apaixonou investigadores e se manteve pendente em Portugal por mais de sessenta anos. O progresso científico não se faz apenas com sucessos: há erros, como o do *Homem terciário*, que resultaram, mais do que muitas descobertas retumbantes, em benefício da própria ciência⁴⁶. A questão em causa, além de ter chamado a atenção internacional para a investigação que então se desenvolvia em Portugal na área da Pré-História, teve, internamente, a vantagem de despertar a opinião pública, criando condições para que outros, trabalhando em diversas regiões do País, pudessem desenvolver mais favoravelmente as suas próprias investigações.

Uma das mais importantes conseqüências, no plano científico, da célebre reunião de Lisboa, foi a criação da cadeira de Antropologia, Paleontologia Humana e Arqueologia Pré-Histórica, em 1885, na Universidade de Coimbra: era, na verdade, a síntese programática da própria actuação da Segunda Comissão Geológica de 1857. Foi seu primeiro lente proprietário Bernardino Machado, a quem se deve, enquanto ministro, a fundação, em 1893, do Museu Ethnológico Português, o actual Museu Nacional de Arqueologia, sob a direcção de José Leite de Vasconcelos. Estava, assim, assegurada a continuidade da investigação, tão brilhantemente iniciada pelos pioneiros da 2.^a Comissão Geológica, da qual fazia parte Joaquim Filipe Nery da Encarnação Delgado.

NOTAS

¹ P. Choffat, 'Notice nécrologique sur J. F. Nery Delgado (1835-1908)', *Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes*, série II, vol. 7, n.º 28, 1908, 14 pp. (separata)

² J. F. N. Delgado, 'La grotte de Furninha a Peniche', *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne* (1880), Typographie de l'Académie Royale des Sciences, Lisboa 1884, pp. 207-278, (p. 272)

³ J. L. de Vasconcellos, *História do Museu Etnológico Português* (1893-1914), Imprensa Nacional, Lisboa 1915

⁴ J. L. Cardoso, 'Estácio da Veiga e a arqueologia: um percurso científico no Portugal oitocentista', *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, vol. 14, 2006, pp. 293-520

⁵ O. da Veiga Ferreira, 'Correspondência epistolar entre Martins Sarmento e Nery Delgado', *O Arqueólogo Português*, série III, n.º 3, 1970 pp. 235-259

⁶ J. F. N. Delgado, *Da existência do Homem no nosso solo em tempos mui remotos provada pelo estudo das cavernas. Notícia acerca das grutas da Cesareda*, Comissão Geológica de Portugal, Lisboa 1867

⁷ J. L. Cardoso, 'As grutas, os grandes mamíferos e o Homem paleolítico: uma aproximação integrada ao território português', *Estudos do Quaternário*, vol. 1, 1997, pp. 13-23

⁸ J. Zilhão, *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, vol. 2, Colibri, Lisboa 1997

⁹ W. Boyd Dawkins, *Cave hunting, researches on the evidence of caves respecting the early inhabitants of Europe*, Macmillan & Co., London 1874

¹⁰ J. L. Cardoso e A. A. Melo, 'Correspondência anotada de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado: contribuição para a história da arqueologia em Portugal', *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, n.º 88, 2001, pp. 309-346

¹¹ F. de Paula e Oliveira, 'Caracteres descritivos dos crâneos da Cesareda', *Comunicações da Comissão dos Trabalhos Geológicos de Portugal*, n.º 2, 1888-1889, pp. 109-118

¹² J. F. N. Delgado, 'Les grottes de Peniche et Casa da Moura, Portugal, station et sépulture néolithique', *Matériaux pour l'Histoire Primitive et Naturelle de*

l'Homme, 16 année, série II, n.º 11, 1880, 7 pp. (separata).

¹³ A. Bensaúde, 'Note sur la nature minéralogique de quelques instruments de pierre trouvés en Portugal', *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne* (1880), Typographie de l'Académie Royale des Sciences, Lisboa 1884, pp. 682-698

¹⁴ É. Cartailhac, *Les âges préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*, C. Reinwald, Paris 1886, (figs. 6-11)

¹⁵ J. R. Carreira e J. L. Cardoso, 'A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica', *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, n.º 10, 2001-2002, pp. 249-361

¹⁶ J. L. Cardoso, *Contribuição para o conhecimento dos grandes mamíferos do Plistocénico superior de Portugal*, Câmara Municipal de Oeiras, Oeiras 1993

¹⁷ J. L. Cardoso, 'Um conjunto de litografias arqueológicas inéditas da Comissão Geológica de Portugal', *Comunicações do Instituto Geológico e Mineiro*, n.º 82, 1996, pp. 145-168

¹⁸ C. Ribeiro, *Relatório dos trabalhos geodésicos, topographicos, hydrographycos e geológicos do Reino pertencente ao Anno Económico de 1879 -1880. 4ª Classe. Trabalhos geológicos*, Imprensa Nacional, Lisboa 1881, pp. 17-21.

¹⁹ J. R. Carreira e J. L. Cardoso, 'Escavações de Nery Delgado no planalto da Cesareda nas grutas da Lapa Furada e da Malgasta (Peniche): estudo do espólio arqueológico', *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, vol. 78, n.º 2, 1992, pp. 145-153

²⁰ J. Roche, 'Le niveau paléolithique supérieur de la grotte de Casda da Moura (Cesareda)', *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, n.º 32, 1951, pp. 103-123

²¹ J. Roche, 'Le Magdalénien portugais', *La fin des temps glaciaires en Europe*, vol. 2, CNRS, Paris 1979, pp. 753-758.

²² J. L. Cardoso e M. V. Gomes, 'Zagaia do Paleolítico Superior de Portugal', *Portugália*, nova série, n.º 15, 1994, pp. 7-31.

²³ J. Camarate França, J. Roche e O. da Veiga Ferreira, 'Sur l'existence probable d'un niveau solutréen dans

les couches de la grotte de Casa da Moura (Cesareda)', *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, n.º 45, 1961, pp. 365-370

²⁴ J. Zilhão, *O Paleolítico Superior da Estremadura portuguesa*, vol. 2, Colibri, Lisboa 1997

²⁵ L. G. Straus, J. Altuna, M. Jackes e M. Kunst, 'New excavations in Casa da Moura (Serra d'El Rei, Peniche) and at the Abrigos de Bocas (Rio Maior), Portugal', *Arqueologia*, n.º 18, 1988, pp. 65-95

²⁶ M. Diniz, *Acerca das cerâmicas do Neolítico Antigo da gruta da Furninha (Peniche) e da problemática da neolitização do centro/sul de Portugal*, trabalho de síntese apresentado no âmbito das provas de aptidão e capacidade científica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa 1994

²⁷ J. Fontes, *O homem fóssil em Portugal*, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Lisboa 1923

²⁸ H. Breuil e G. Zbyszewski, 'Contribution à l'étude des industries paléolithiques du Portugal et de leurs rapports avec la géologie du Quaternaire. I - Les principaux gisements des deux rives de l'ancien estuaire du Taje', *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, n.º 26, 1942, pp. 1-139.

²⁹ J. Roche, 'Faunes du Pleistocènes Supérieur et Final de l'Estremadura, Portugal', *Annales de Paléontologie (Vértébrés)*, vol. 58, n.º 2, 1972, pp. 229-242

³⁰ E. Harlé, 'Les mammifères et oiseaux quaternaires connus jusqu'ici en Portugal', *Comunicações da Comissão do Serviço Geológico de Portugal*, n.º 8, 1910-1911, pp. 22-85

³¹ E. Harlé, 'Faune de la grotte das Fontainhas (Portugal)', *Bulletin de la Société Géologique de France*, série IV, n.º 8, 1908, pp. 460-466

³² E. Harlé, 'Faune de la grotte à Hyènes rayées de Furninha et d'autres grottes du Portugal', *Bulletin de la Société Géologique de France*, série IV, n.º 9, 1909, pp. 85-99

³³ J. L. Cardoso e A. M. Monge Soares, 'Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa', *Al-Madan*, série II, n.º 4, 1995, pp. 10-13

³⁴ J. Guilaine e O. da Veiga Ferreira, 'Le Néolithique Ancien au Portugal', *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, vol. 67, n.º 1, 1970, pp. 304-322

³⁵ J. Guilaine, *Premiers bergers et paysans de l'occident méditerranéen*, Mouton, Paris 1976

³⁶ C. Ribeiro, *Descrição de alguns sílex e quartzites lascados encontrados nas camadas dos terrenos terciário e quaternário das bacias do Tejo e Sado*, Academia Real das Ciências de Lisboa, Lisboa 1871

³⁷ C. Ribeiro, 'Sur des sílex taillés, découverts dans les terrains miocène et pliocène du Portugal', *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la Sixième Session à Bruxelles*, C. Muquardt, Éditeur, Bruxelles 1873a, vol. 1, pp. 95-100, vol. 2, pls. 3, 4 e 5

³⁸ C. Ribeiro, 'Sur la position géologique des couches miocènes et pliocènes du Portugal qui contiennent des sílex taillés', *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la Sixième Session à Bruxelles* (1873), C. Muquardt, Éditeur, Bruxelles 1873b, vol. 1, pp. 100-104

³⁹ G. de Mortillet, *Le préhistorique. Antiquité de l'Homme*, C. Reinwald, Paris 1885, (p. 105)

⁴⁰ C. Ribeiro, 'L'Homme tertiaire au Portugal', *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne* (1880): Typographie de l'Académie Royale des Sciences, Lisboa 1884, pp. 81-92

⁴¹ P. Choffat, 'Conclusions de la comissão chargée de l'examen des sílex trouvés à Otta', *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la Neuvième Session à Lisbonne* (1880), Typographie de l'Académie Royale des Sciences, Lisboa 1884, pp. 92-118

⁴² C. Castello-Branco, *O General Carlos Ribeiro (recordações da mocidade)*, Livraria Civilização, Porto 1884

⁴³ J. F. N. Delgado, 'Les sílex tertiaires d'Otta', *Congrès International d'Anthropologie et d'Archéologie Préhistoriques. Compte-Rendu de la Dixième Session à Paris* (1889), Ernest Leroux, Éditeur, Paris 1891, pp. 529-533

⁴⁴ J. F. N. Delgado, 'Les sílex tertiaires d'Otta', *Comunicações da Direcção dos Serviços Geológicos de Portugal*, n.º 4, 1900-1901, pp. 161-164, (P.162)

⁴⁵ J. L. Cardoso, 'As investigações de Carlos Ribeiro e de Nery Delgado sobre o "Homem Terciário": resultados e consequências na época e para além dela', *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, n.º 8, 1999-2000, pp. 33-54

⁴⁶ J. Zilhão, 'As origens da arqueologia paleolítica em Portugal e a obra metodologicamente precursora de J. F. Nery Delgado', *Arqueologia e História*, série X, n.º 3, 1993, pp. 111-125